



Sá de Miranda,  
o Poeta do Neiva



Plano de Trabalho  
de Inglês



Agrupamento de Escolas  
de Ribeira do Neiva



Vila Verde  
Município



proviver  
VILA VERDE







### **Ficha técnica**

#### Título

Sá de Miranda, o Poeta do Neiva

#### Edição

Câmara Municipal de Vila Verde

#### Seleccção de textos

Júlia Rodrigues Fernandes

#### Colaboração

Agostinho Domingues

#### Capa

Maciel Cardeira

#### Design gráfico

Terraimagem, Lda

#### Impressão

Gráfica Vilaverdense - Artes Gráficas, Lda

#### Tiragem

500 ex

#### ISBN

978-972-96776-8-7

#### Depósito Legal

294063/09

Impresso em Maio de 2009

## Prefácio

### “O poeta do Neiva”

**F**rancisco de Sá de Miranda, nascido em Coimbra, c. 1487, e falecido na Quinta da Tapada em Fiscal (Amares) ou em Duas Igrejas (Vila Verde), em 1558, é um dos maiores poetas portugueses. Carácter íntegro e cidadão exemplar, suscitou a admiração das sucessivas gerações, ao longo dos séculos, pelo que a sua obra literária, particularmente a poética (é também dramaturgo, em prosa) mereceu múltiplas reedições.

Tendo abandonado a Corte no tempo do seu amigo, protector e admirador D. João III, refugiou-se em terras do Minho por volta de 1530. De posse da Comenda de Duas Igrejas, da Ordem de Cristo, fixou residência nas margens do Neiva, onde escreveu boa parte da sua obra e onde viveu até 1552, data em que se mudou para a Quinta da Tapada, em Fiscal, do concelho de Amares.

José de Sousa Machado, um prestigiado investigador da vida de Sá de Miranda, assim o afirma e comprova com documentos fidedignos: “Aqui [em Duas Igrejas] viveu até 1552, como verifiquei em numerosos documentos; aqui passou os anos mais felizes da sua vida na doce companhia de D. Briolanja, criando e educando os seus filhos; aqui o visitaram seus amigos e os admiradores do seu talento e do seu carácter. Foi aqui, bem junto do Neiva, que Francisco de Sá de Miranda concebeu e compôs a maior parte da sua obra literária” (cf. O Poeta do Neiva, Braga, Livraria Cruz-Editora, 1929, p.83).

É legítimo o orgulho de Duas Igrejas ao reivindicar como particularmente seu o poeta e dramaturgo quinhentista, que estas terras e gentes acolheram e inspiraram.

Os primeiros poemas de Sá de Miranda foram publicados no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1517). Mas o poeta ficou célebre sobretudo pela *Écloga Basto* e pelas cartas poéticas, entre as quais se destacam as seguintes: *Carta a El-Rei D. João III*; *Carta a seu irmão Mem de Sá*; *Carta a António Pereira, senhor de Basto*. Igual celebridade lhe granjeou o facto de ter sido o introdutor em Portugal de géneros literários renascentistas e do novo ritmo do verso decassilábico. Foi, pois, um verdadeiro inovador das letras portuguesas, tendo sabido tirar bom proveito da aprendizagem feita na sua viagem cultural à Itália do Renascimento entre 1521 e 1526. Embora entusiasmado pelas novidades renascentistas, de que fez magistério pedagógico, o seu espírito conservador dos melhores valores e tradições explica que a parte mais valiosa da sua obra poética seja a escrita ao modo da antiga tradição portuguesa, com predomínio do verso de sete sílabas.

Sá de Miranda defendeu e praticou os mais altos valores que continuam a enformar os grandes ideais da melhor tradição europeia. Foi considerado pelos seus contemporâneos e pelas gerações seguintes como cidadão exemplar e óptimo cristão. É, pois, como cidadão, cristão e poeta que hoje evocamos a sua memória. O Agrupamento de Escolas da Ribeira do Neiva associa-se à homenagem na passagem dos 450 anos da sua morte.

*Agostinho Domingues*

## Introdução

*Homem dum só parecer,  
dum só rosto e d'uma fê,  
de antes quebrar que volver,  
outra cousa pode ser,  
mas de corte homem não é.*

*Carta a el-rei D. João III*

**P**or ocasião do 450º aniversário do falecimento de Francisco de Sá de Miranda, um dos maiores vultos da literatura portuguesa, ocorrido em 1558 (não antes do mês de Maio), é um momento oportuno para reavivar a memória desta insigne personalidade das letras portuguesas.

Sá de Miranda está mais “vivo” no Minho, já que, como escreve Aguiar e Silva, tendo vivido em Vila Verde e em Amares, “tornou o seu refúgio de Entre-Douro-e-Minho na capital simbólica da língua portuguesa do seu tempo e num lugar mítico de sabedoria e fortaleza de ânimo” (1994: XXI).

Sá de Miranda terá vindo para Vila Verde em 1530, ou pouco antes, depois do seu casamento com D. Briolanja de Azevedo, da nobre família dos Azevedos, que se cruzara com a família dos Machados, senhores da Casa de Crasto, em Carrazedo, actual concelho de Amares. D. Briolanja de Azevedo, por herança de seu falecido pai, terá recebido uma propriedade no então concelho de Penela, integrada hoje no Concelho de Vila Verde. Aí terá residido com Sá de Miranda, na chamada Casa da Torre, hoje freguesia de Arcozelo. (Pimpão s/d: 232).



A doação da Comenda de Duas Igrejas a Sá de Miranda será, segundo Sousa Machado (1929: 79ss) posterior à fixação do casal em terras de Penela. O poeta do Neiva aí terá vivido mais de vinte anos, na companhia da sua mulher e dos seus filhos e aí escreveu a maior e mais importante parte da sua produção literária.

Ainda no Minho, Cabeceiras de Basto está bem referenciada na vida e obra do Poeta, dados os laços de amizade de Sá de Miranda com os fidalgos Pereira de Marramaque da Casa da Taipa. A *Écloga Basto* e a *Carta a António Pereira*, senhor de Basto, associam indelevelmente o nome de Sá de Miranda às terras de Basto.

Em Amares, viveu os últimos e os mais dolorosos anos da sua vida (Casa da Tapada, em Fiscal): em 1553 morreu-lhe o filho primogénito em Ceuta; no ano seguinte o príncipe, em 1555 a amada esposa. Depois, falece o infante D. Luís e em 1557 D. João III. Os restos mortais do grande escritor encontram-se na igreja de S. Martinho de Carrazedo, Amares, que fica muito perto do solar do Crasto.

Mas Coimbra, terra de nascimento onde o escritor passou os anos de juventude e de primeira formação académica, bem como de provável residência após o regresso de Itália, em 1526 ou 1527, tem especial relevância na sua vida. Por sua vez, Lisboa ocupa lugar de relevo na sua biografia: aí frequentou a Corte e a Universidade (fixada na capital até 1537), onde fez o seu doutoramento e onde leccionou. Sendo, sem dúvida, um poeta nacional, a vida e a obra mirandinas têm relação privilegiada com as regiões mencionadas.

Com “Sá de Miranda, o poeta do Neiva” procura-se facilitar a um público não especializado, especialmente os estudantes do Concelho de Vila Verde, a leitura de alguns dos melhores poemas de Sá de Miranda.

Uma palavra de vivo e reconhecido agradecimento ao Doutor Agostinho Domingues, investigador e conhecedor exímio da vida e obra mirandinas que orientou e facultou todos os dados para que esta simples antologia da obra de Francisco de Sá de Miranda se tornasse uma realidade.

Um agradecimento especial à Dr<sup>a</sup> Maria Adelina Vieira, uma vilaverdense com raízes na freguesia de Duas Igrejas, pela sua dedicação a Sá de Miranda e pelo apoio, desde a primeira hora nesta homenagem de Vila Verde a um dos maiores expoentes da literatura portuguesa e universal.

A melhor maneira de celebrar um escritor consagrado é ler a sua obra. Tal é o conselho que nos dá Agostinho Domingues na obra “Nova Homenagem a Sá de Miranda”, editada pela Calígrafo, donde extraímos, com a devida autorização, poemas de Sá de Miranda, em forma por ele actualizada para facilitação de leitura.

## Biografia de Sá de Miranda

(De acordo com “Nova Homenagem a Sá de Miranda”,  
Agostinho Domingues, Calígrafo, 2007)

### 1. Nascimento, primeiros anos e primeiros estudos em Coimbra

Francisco de Sá de Miranda nasceu em Coimbra, c. 1487, como ele próprio revela na carta poética a Pero de Carvalho, na qual ele assim interpela este amigo, fidalgo da corte de D. João III: “Que guerra que lhe fizestes / à terra que me criou (...)!”. Esta carta e a “Fábula do Mondego” demonstram bem o carinho do Poeta para com a sua terra natal.

Filho de Gonçalo Mendes de Sá, cónego da Sé de Coimbra, e Inês de Melo, senhora solteira, talvez da família nobre dos Melo, o poeta terá passado os primeiros anos da sua vida em Buarcos, em casa de seus avós paternos – D. Filipa de Sá e João Gonçalves de Miranda.

Embora não haja documentos comprovativos, Sá de Miranda deve ter feito os seus estudos em Coimbra, nas escolas do Mosteiro de Sta Cruz, aí recebendo sólidas bases de formação humanística e cristã.

Segundo Teófilo Braga, Sá de Miranda terá partido para Lisboa em 1505, para seguir o curso da Faculdade de Leis.

### 2. Em Lisboa: cortesão e universitário

Sabe-se que Sá de Miranda foi fidalgo da Corte de D. Manuel, porque é na qualidade de cortesão que aparece como autor de poemas (cantigas, vilancetes e esparsas) do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, publicado em 1516.

No Cancioneiro Geral aparece já como “doutor”, o que prova ter obtido o grau máximo universitário antes de 1516.

Na corte encontrou Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, que igualmente figuram como poetas no Cancioneiro Geral. Nesta colectânea há 13 composições poéticas de Sá de Miranda, sendo sete escritas em português e seis

em castelhano.

Diz D. Carolina Michaelis de Vasconcelos (*As poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885) que em 1513 Sá de Miranda aparece pela primeira vez na corte, onde facilmente entrou devido à sua ascendência nobre.

Segundo vários estudiosos mirandinos, Sá de Miranda terá conhecido Bernadim Ribeiro, autor da obra “Menina e Moça”, na Universidade de Lisboa, tornando-se amigos e confidentes. Sá de Miranda, numa das versões preparatórias da *Écloga* “Basto”, refere: “O meu bom Ribeiro amigo” (Macedo 1999: 17).

Sousa Machado confere o maior relevo às relações de amizade entre Bernardim e Sá de Miranda: “relações lealmente mantidas e fortalecidas na cultura literária, nos serões poéticos do paço real da Ribeira, na intimidade, em confidências e na comunhão de alegrias e dissabores” (Machado 1929: 35).

### 3. A viagem a Itália

Está bem documentada a deslocação de Sá de Miranda a Itália, entre 1521 e 1526 ou 1527. O Renascimento nas artes e nas letras atingira aí o seu apogeu. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516, já sopram algumas brisas dessa atmosfera. É natural que a leitura de poemas da meritória colectânea de poesia produzida nas cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, onde se sentia a respiração dos clássicos gregos e romanos mediados por grandes italianos como Dante e Petrarca, tenha despertado a curiosidade intelectual do Doutor Francisco de Sá de Miranda.

D. Carolina Michaelis de Vasconcelos refere que “a sua viagem a Itália explica-se pela curiosidade do poeta, o desejo de estudar a arte, de pôr em concordância a elevação do pensamento com a heroicidade das acções portuguesas que o expatriou. (...) Trazer de fora novas formas de arte, alimentadas com novas concepções ideais, eis o seu intento, o fim com que empreendeu a viagem. A ocasião era propícia; a morte de seu pai restituiu-lhe a liberdade cerca de 1520” (1885).

Numa carta poética posterior, dirigida a D. Fernando de Meneses, escreve Sá de Miranda, no terceiro terceto: “Senhor meu, D. Fernando de Meneses, / eu vi Roma, Veneza e vi Milão, / em tempo de Espanhóis e de Franceses”. Faltam, no entanto, documentos comprovativos do contacto com as grandes personalidades das letras e das artes renascentistas italianas. Nem sequer está documentado o encontro pessoal com a sua parente italiana Vitória Colona. Como diz Pina Martins (1969: 12), “Baste-nos saber que, da sua viagem ao país mais culto da Europa, lhe ficou o amor daqueles textos poéticos, filosóficos e literários que mais tarde haviam de constituir o encanto dos serões literários do Minho”.



#### 4. De novo em Coimbra

“Podemos, sem receio, afirmar que Sá de Miranda estava em 1527 na sua terra natal (...). Foi em Coimbra e em Buarcos que ele estudou e escolheu a melhor forma de executar um plano de reforma literária concebido em Itália” - assim se pronuncia Sousa Machado (1929: 45).

Talvez tenha começado pelo teatro, género em que, afinal, não ficaria famoso. A comédia em prosa “Os Estrangeiros” terá sido redigida por essa altura (1528). Na dedicatória ao infante cardeal D. Henrique confessa a imitação dos dramaturgos latinos Plauto e Terêncio, bem como a influência do italiano renascentista Ludovico Ariosto. Mas mais importante é a sua demarcação, no Prólogo, do teatro vicentino. Deslumbrado com as novidades italianas observadas em Itália, Sá de Miranda insinua que os autos vicentinos pertencem a um mundo ultrapassado. Sá de Miranda, no seu fervor de novo-rico da cultura renascentista, pensou poder contrariar o gosto do público português, que vibrava de entusiasmo com as peças de Mestre Gil. As duas comédias mirandinas - Os Estrangeiros e Os Vilhalpandos - são obras menores, hoje quase esquecidas. No entanto, na “Fábula do Mondego” (1528-1529), em castelhano, provável réplica de Sá de Miranda à “Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra”, de Gil Vicente, leva vantagem ao dramaturgo do Paço. Escrevendo-a talvez na tranquilidade de Duas Igrejas ou aqui a reformulando, a “fábula”, ao modo italiano, dá-nos uma bela versão poética de Coimbra e do rio Mondego, sendo este evocado sob inspiração conjunta dos rios Neiva e Lima: “Lhoró la Ninfa Neiva y Ninfa Lima” (antepenúltima estrofe).

No ano de 1527, estando a Corte de D. João III em Coimbra fugida à peste que grassava em Lisboa, Sá de Miranda privou de perto com o rei e a fidalguia cortesã. Embora, provavelmente, já tivesse rompido o seu vínculo permanente à Corte, mantinha com o Rei D. João III laços de grande amizade, que durariam para sempre. De qualquer forma, conviveu com o Rei e seu séquito durante a permanência da Corte em Coimbra. A comprová-lo temos um bom texto poético mirandino, que é a carta a Pero de Carvalho, acima citada, em que o Poeta defende a sua terra hospitaleira e se queixa da ingratidão dos fidalgos para com ela: “Que guerra que lhe fizestes / à terra que me criou, / de que tanto à língua destes! / Porquê, que vos acoitou, / da peste com que aí viestes?! // Fostes mal agasalhados? / Certo não, que até as fazendas / vos davam parvos honrados. / Pois porquê? Porque os privados tínheis longe vossas rendas?” (3ª e 4ª estrofes).

## 5. A amizade do rei, as comendas da Ordem de Cristo e o afastamento da corte

É facto comprovado que D. João III teve uma especial predilecção por Sá de Miranda. Por isso o agraciou primeiro com a Comenda de S. Gião de Mouronho (no concelho de Tábua, perto de Coimbra) e, depois, por troca, com a Comenda de Duas Igrejas (no concelho de Vila Verde). Costa Pimpão (s/d: 231) sugere que a carta a Pero de Carvalho terá sido escrita na sua Comenda de Gião; mas nada garante que o Poeta aí tenha residido.

Apesar da profunda amizade que o unia ao Rei, Sá de Miranda abandonou a Corte. Não se sabe quando, mas antes de 1530, ano provável do seu casamento com D. Briolanja de Azevedo. Muito menos ainda se sabe porquê. Uma conclusão se impõe a partir de leitura atenta de muitas passagens da sua obra poética: carácter íntegro e espírito frontal, não podia suportar a frivolidade, a hipocrisia e a adulação praticadas na Corte. Para se manter como cidadão interventivo não precisava de se abrigar debaixo das telhas régias. Bastavam-lhe o seu talento, a “mediania doirada” dos seus bens e a confiança do Rei. Por isso, não abdicou do seu papel de “conselheiro” de Estado, papel que de certo modo assume com a célebre carta a D. João III, cheia de conselhos e de opiniões sobre a administração do reino.

## 6. Casamento por amor e residência em Penela

Como é sobejamente sabido, a maioria dos casamentos, sobretudo entre os nobres, pelo menos até ao séc. XIX, não se fazia por amor, antes por conveniências de diversa natureza.

Pela carta poética ao seu parente e amigo João Roiz de Sá de Meneses, em cuja estrofe 24ª se refere ao seu próximo casamento, podemos verificar que Sá de Miranda se casou tarde, mas por amor: “Era em grande diferença / se casaria ou se não; / houve de sair sentença / que a só uma o coração / a amores desse licença. / Isto dito, Amor mais raro / deu sinal como era ali; / outro som do coldre claro, / outro das flechas ouvi”.

Casou, pois, por amor, em 1530 ou pouco antes, com D. Briolanja de Azevedo, tendo com ela residido na chamada Casa da Torre (Pimpão s/d: 232). A doação da Comenda de Duas Igrejas a Sá de Miranda será, segundo Sousa Machado (1929: 79ss) posterior à fixação do casal em terras de Penela. O mesmo conceituado investigador da biografia do “Poeta do Neiva” é muito claro quanto à ligação de Sá de Miranda às terras banhadas por esse curso de água: “Aqui viveu até 1552, como verifiquei em numerosos documentos; aqui passou os anos mais felizes da sua vida, na doce companhia de D. Briolanja, criando e educando seus filhos; aqui o visitaram seus amigos e os admiradores do seu talento e do seu carácter. Foi aqui, bem junto do rio Neiva, que Francisco de Sá de Miranda concebeu e compôs a maior e melhor parte da sua obra literária.” (Machado 1929: 83).

## 7. Em terras de Amares

Por escritura de 3 de Maio de 1530, Francisco de Sá de Miranda e D. Briolanja de Azevedo compravam metade da chamada Quinta do Barrio, na freguesia de Fiscal, então concelho de Entre-Homem-e-Cávado e hoje concelho de Amares (Machado 1929: 74 e 321-322). O documento é comprovativo de que Sá de Miranda já estava casado nessa data, e de que a partir de então é proprietário em Amares. Continuava, entretanto, a residir em Duas Igrejas, Vila Verde. O casal só se transfere para a Quinta da Tapada, em Fiscal, em 1552 ou um pouco antes, depois de ter adquirido a outra metade da quinta com outros terrenos nas imediações (Machado 1929: 101ss).

Sá de Miranda era já um poeta consagrado nacionalmente. Consideravam-se seus discípulos ou admiradores escritores que ficaram nos bons manuais de história da literatura: António Ferreira, Diogo Bernardes, Jorge de Montemor e outros. D. João III continuava seu amigo. E o príncipe D. João (que morreu em 1554) tinha em tão alto apreço as suas obras literárias, que lhe pediu lhas mandasse manuscritas. O carinho e admiração de tão ilustres amigos não eram, porém, suficientes para compensar os sofrimentos do Poeta nestes últimos anos de vida. A morte do filho primogénito, em combate no Norte de África, e, depois, a da esposa abalaram-no profundamente. Terminou os seus dias em 1558. Não se sabe se morreu na Quinta da Tapada e, por conseguinte, se aí foi a sua primeira sepultura. Admitindo que Diogo Bernardes, seu contemporâneo, quase vizinho do rio Neiva por nascimento e seu grande admirador, estivesse bem informado sobre o local da morte, Sá de Miranda teria morrido em Duas Igrejas. De facto, num soneto, que adiante reproduzo, assim chora o mestre querido: “É este o Neiva do nosso Sá de Miranda? / (...) / Aqui cantava Sá, daqui seguro, / Livre do mortal peso, ao Céu voou: / Pastores, vinde honrar a sepultura.”. Sousa Machado que, fundamentadamente, refutou as certezas do biógrafo anónimo da edição das obras mirandinas de 1614, sobre a morte na Casa da Tapada, conclui ser impossível saber-se em qual das duas terras terá falecido. O que se sabe documentalmente é que seu filho e herdeiro Jerónimo de Sá, por testamento, mandou trasladar para a igreja de Carrazedo os restos mortais de seus pais, aí jazendo, portanto, Sá de Miranda (Machado 1929: 138; 141).

## 8. As obras literárias

Sá de Miranda foi verdadeiramente o introdutor da renascença em Portugal.

As suas primeiras publicações poéticas, em número de 13, sendo sete delas na nossa língua, foram publicadas no “Cancioneiro Geral” de Garcia de Resende de 1516. Várias das poesias mirandinas terão sido escritas



durante a sua permanência em Itália, como é o caso da graciosa “Cantiga feita nos grandes campos de Roma”. Eram composições da chamada “medida velha”: trovas, esparsas, vilancetes e cantigas, predominantemente em versos de sete sílabas ou de redondilha maior. Em Itália aprendeu o verso decassílabo (e hendecassílabo) de acentos rítmicos nas sílabas 4<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e última (verso sáfico) ou nas sílabas 6<sup>a</sup> e última (verso heróico), bem como as composições em tercetos e em oitavas, os subgéneros poéticos soneto, ode, canção, écloga e sextina. Tudo isto constituía a chamada “medida nova”, (embora a écloga Basto seja em verso de redondilha maior) de influência italiana. Ainda de influência italiana é a comédia em prosa, que contrasta com a farsa vicentina, em verso. Em prosa literária apenas escreveu duas comédias: “Os Estrangeiros” e “Os Vilhalpandos”, ambas em português.

Na “medida velha” e em português destacam-se as seguintes cartas poéticas: “A el-rei D. João III”, em 79 quintilhas; “A João Roiz de Sá Meneses”, em 25 estrofes de nove versos; “A Pero de Carvalho”, em 58 quintilhas; “A seu irmão Mem de Sá”, em 59 quintilhas; “A António Pereira, senhor de Basto”, em 80 quintilhas; a “Écloga Montano”, constituída por 35 décimas; a “Écloga Basto”, constituída por 76 décimas<sup>1</sup>. Na “medida nova” temos sonetos, éclogas (“Fábula do Mondego”, “Aleixo”, “Célia”, “Andrés”, “Nemoroso” e “Encantamento”), um epitalâmio pastoril, duas canções, três elegias, uma sextina e três cartas poéticas (“A D. Fernando de Meneses”, “A Jorge de Montemor” e “A seu cunhado Manuel Machado de Azevedo”).



## Breve antologia mirandina

### PARTE I

#### Poeta do Cancioneiro Geral

Trovas à maneira antiga, “medida velha” ou peninsular: cantigas, vilancetes e esparsas

#### 1. Cantigas

Comigo me desavim,  
Sou posto em todo perigo;  
Não posso viver comigo  
Nem posso fugir de mim.  
Com dor da gente fugia,  
Antes que esta assim crescesse;  
Agora já fugiria  
De mim, se de mim pudesse.  
Que meio espero ou que fim  
Do vão trabalho que sigo,  
Pois que trago a mim comigo  
Tamanho i(ni)migo de mim?



Coitado, quem me dará  
Novas de mim onde estou?  
Pois dizeis que não sou lá,  
E cá comigo não vou!  
Todo este tempo, senhora,  
Sempre por vós perguntei;  
Mas que farei, que já agora  
De vós nem de mim não sei?  
Olhe vossa mercê lá  
Se me tem, se me matou,  
Porque eu vos juro que cá  
Morto nem vivo não vou.

«Cantiga feita nos grandes campos de Roma»

Por estes campos sem fim  
Onde a vista assim se estende,  
Que verei, triste de mim,  
Pois ver-vos se me defende?

Todos estes campos cheios  
São de saudade e pesar,  
Que vêm para me matar  
Debaixo de céus alheios.  
Em terra estranha e em ar,  
Mal sem meio e mal sem fim,  
Dor que ninguém não entende,  
Até quão longe se estende  
O vosso poder em mim!

## PARTE II

### Poemas ao modo renascentista, “medida nova” ou italiana

#### 1. Sonetos

O sol é grande, caem c’o a calma as aves,  
Do tempo em tal sazão que sói ser fria;  
Esta água que de alto cai acordar-me-ia  
Do sono não, mas de cuidados graves.

Ó cousas, todas vãs, todas mudáve(i)s,  
Qual é tal coração que em vós confia?  
Passam os tempos, vai dia trás dia,  
Incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,  
Vi tantas águas, vi tanta verdura,  
As aves todas cantavam de amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mistura,  
Também mudando-me eu fiz de outras cores;  
E tudo o mais renova; isto é sem cura!

Quando eu, senhora, em vós os olhos ponho,  
E vejo o que não vi nunca, nem cri  
Que houvesse cá, recolhe-se a alma a si,  
E vou tresvaliando, como em sonho.

Isto passado, quando me disponho  
E me quero afirmar se foi assi(m),  
Pasmado e duvidoso do que vi,  
Me espanto às vezes, outras me envergonho;

Que, tornando ante vós, senhora, tal,  
Quando me era mister tanto outra ajuda,  
De que me valerei, se alma não val(e)?

Esperando por ela que me acuda,  
E não me acode, e está cuidando em al,  
Afronta o coração, a língua é muda.



**(Na morte de sua esposa, D.Briolanja de Azevedo)**

Aquele esp(i)rito já tão bem pagado  
Como ele merecia, claro e puro,  
Deixou de boa vontade o vale escuro,  
De tudo o que cá viu como enojado.

Aquele esp(i)rito que, do mar irado  
Desta vida mortal posto em seguro,  
Da glória que lá tem de herdade e juro  
Cá nos deixou o caminho abalizado.

Alma aqui vinda nesta nossa idade  
De ferro, que tornaste à antiga de ouro  
Enquanto cá regeste a humanidade,

Em chegando, ajuntaste tal tesouro  
Que para sempre dura! Ah vaidade:  
Ricas areias deste Tejo e Douro!

### PARTE III

#### O homem religioso, devoto da Mãe de Jesus

##### Canção a Nossa Senhora

Virgem formosa, que achastes a graça  
Perdida antes por Eva, onde não chega  
O fraco entendimento, chegue a Fé.  
Coitada desta nossa vista cega  
Que anda apalpando pela névoa baça  
E busca o que, ante si tendo, não vê.  
Sem saber atinar como ou porquê,  
Entrei pelos perigos,  
Rodeado de i(ni)migos;  
Por piedade a vós venho, e por mercê.  
Vós, que nos destes claro a tanto escuro,  
Remédio a tanta míngua,  
Me dareis língua e coração seguro.  
Virgem toda sem mágoa, inteira e pura,

(...)

(...)

Sem sombra nem daquela culpa, herdada  
Por todos nós, (a)té ao fim desde o começo,  
Claridade do Sol nunca turbada,  
Santíssima e perfeita criatura,  
Ante quem de mim fujo e me aborreço:  
Hei medo a quanto fiz, sei (o) que mereço,  
Dos meus erros me espanto,  
Que me aprouveram tanto,  
Agora à só lembrança desfaleço;  
Mas lembra-me porém que vós fizestes  
Paz entre Deus e nós  
E a quem por vós chamou, sempre a mão destes.  
Virgem das Virgens, como o tempo voa!  
Nossa certa esperança,  
Por toda a vizinhança  
Quanto gemido a toda a parte soa!  
quantas lágrimas caem mal derramadas!  
Mas, posto de gíolhos,  
A vós os olhos, tudo o mais são nadas.

## PARTE IV

### O cidadão comprometido com o seu tempo

#### 1. Cartas poéticas

##### 1. Carta a el-rei D. João III

Rei de muitos reis, se um dia,  
se uma hora só, mal me atrevo  
ocupar-vos, mal faria,  
e ao bem comum não teria  
o respeito que ter devo;

(...)

Homem dum só parecer,  
dum só rosto e d'uma fé,  
de antes quebrar que volver,  
outra cousa pode ser,  
mas de corte homem não é.



Ouço gracejar, de cá,  
de quem vai inteiro e são,  
nem se contrafaz mais lá:  
«Como este vem aldeão,  
que não sabe onde se está!».

(...)

Pensamentos nunca cheios,  
não têm fundo aqueles sacos!  
Ainda mal com tantos meios,  
para viver dos mais fracos  
e dos suores alheios.  
Que eu vejo nos povoados  
muitos dos salteadores,  
com nome e rosto de honrados;  
vão quentes, andam forrados  
de peles de lavradores.

E, senhor, não me creiais,  
se as não acham mais finas  
que as dos lobos cervais,  
que arminhos e zebelinas;  
custam menos, cobrem mais.

Ah, senhor, que vos direi,  
que acode mais vento às velas?  
Nunca se descuide o Rei:  
que ainda não é feita a lei,  
já se lhe buscaram cautelas.

Então, tristes das mulheres,  
tristes dos órfãos coitados,  
e a pobreza dos mesteres,  
que nem falar são ousados  
diante dos mores poderes.

## 2. Carta a seu irmão Mem de Sá

Enquanto duma esperança  
em outra esperança andais,  
fazer-vos quero lembrança  
como é leve e não se alcança,  
que sempre adiante é mais.

Cuidais que sois já com ela;  
quando vo-lo mais parece  
e quereis lançar mão dela,  
mete remos, mete vela,  
vai rindo e desaparece.

(...)

Pelo qual a este abrigo,  
onde me acolhi cansado,  
e mais ainda a grão perigo,  
e àquelas letras que sigo  
devo que nunca me enfado.

Devo à muito minha amada  
e só rica liberdade,

que tive aos dados jogada,  
a que somente é mandada  
da razão boa e verdade.

(...)

Um rato dum cidade  
tomou-o a noite por fora;  
quem foge à necessidade?  
Lembrou-lhe a velha amizade  
doutro que aí no monte mora.

- «Saiu-me a conta errada  
(muitas vezes acontece);  
cresceu-me a minha jornada» -  
diz, entrando na pousada;  
logo cidadão parece.

O pobre, assim salteado  
dum tamanho cidadão,  
em busca dalgum bocado  
vai e vem muito apressado,  
que não punha os pés no chão.

Ordena sua mesinha  
(ainda tinha algum legume,  
ainda algum pó de farinha);  
pôs-lhe aí tudo quanto tinha,  
pede perdão, por costume.

Diz: - «Quem tal adivinhara!  
(contra o cidadão severo)  
Tanto revolvera e andara,  
que alguma coisa buscara  
a quem tanto devo e quero».

Cumpre muito àquela mesa  
mais da fome que da gula;  
tem a fogueirinha acesa,  
faz rosto ledó à despesa,  
c'ó trabalho dissimula.

Diz o cidadão consigo:  
- «Que gente há dentre penedos,  
que vai de Pedro a Rodrigo!  
Bem disse o bom senço antigo  
que não são iguais os dedos.»

Depois do fraco comer,  
estando detrás do lar,  
começa o rico a dizer:  
- «Dois dias que hás-de viver,  
aquí os queres passar,

Na aspereza do deserto,  
que não sei quem o suporte,  
de urzes e tojos coberto,  
sendo tudo tão incerto,  
e tão certa só a morte?

Vive, amigo, a teu sabor;  
mais é que coisa perdida  
quem por si toma o pior;  
vai-te comigo onde eu for,  
lá verás que coisa é vida.

Quando as ambas provares  
(que eu doutrem não adivinho),  
quando te enganado achares,  
aí ficam teus manjares,  
aí tens também o caminho».

Assim disse. Eis o vilão  
em alvoroço e balança  
ia e vinha o coração,  
ora sim e ora não;  
venceu, porém, esperança.

E que pode aí al fazer?  
Vive com tanto cansaço,  
ainda não pode viver,  
não pode o ano vencer  
que lhe assim corre d'espáço!

E diz: - «Quem não se aventura  
não ganha, quem é que o negue?»  
Escolhem hora segura;  
era pela noite escura:  
guia o rico, o outro segue.



Entram por paços dourados,  
cheirosos ainda da ceia:  
fiquem os casais colmados,  
por sempre do sol torrados,  
fique a faminta da aldeia!

Vou-me por meu conto avante:  
amostra o cidadão tudo,  
que traz no bucho um infante.  
Quem quereis que não se espante?  
Anda o vilãozinho mudo...

Que tão somente em provar  
das coisas que mais lhe(s) aprazem,  
começam já de enjeitar,  
começam de bocejar...  
Em finos tapetes jazem...

Ora, o despenseiro chega  
(que estes bens não duram tanto),  
sente-os, mas a pressa o cega:  
um tiro e dois mal emprega,  
segue-os de canto em canto.

Os cães à volta correram,  
ladram, que é alto serão;  
as casas estremeceram,  
uns e outros aí correram,  
quis Deus que os gatos não.

Sabia o de casa a manha,  
sabia os passos, fugiu;  
o ratinho da montanha,  
aos pés, em pressa tamanha,  
o coração lhe caiu.

Mas, espaçado o perigo  
da morte, que ante si vira,  
o coitado, assim consigo,  
pelo seu repouso antigo,  
que mal deixara, suspira:

- «Minha segura pobreza,  
se chegarei a ver quando  
a ti torne, e esta riqueza,  
mal que todo o mundo preza,  
fuja, se puder, voando?»

Mal tomadas esperanças,  
a paga aqui não me tome;  
traças, que não abastanças,  
assaz vi das vossas danças;  
Deus me torne à minha fome!»

### 3. Carta a António Pereira, Senhor de Basto

(Transcrevem-se as três primeiras e as duas últimas estrofes que integram a carta)

Como eu vi correr pardaus  
por Cabeceiras de Basto,  
crescerem cercas e o gasto,  
vi, por caminhos tão maus,  
tal trilha e tamanho rasto,

Logo os meus olhos ergui,  
à casa antiga e à torre  
e disse comigo assi(m):  
- «Se Deus nos não val(e) aqui,  
perigoso i(ni)migo corre!»

Não me temo de Castela,  
donde ainda guerra não soa,  
mas temo-me de Lisboa,  
que, ao cheiro desta canela,  
o Reino nos despooa.

[...]

Ao Reino cumpre em todo ele  
ter a quem o seu mal doa,  
não passar tudo a Lisboa,  
que é muito o peso, e com ele  
mete o barco na água a proa.

E mais i(de)s-vos muito ao ponto  
para qualquer apetito.  
então já eu ouvi um conto:  
a quem espreita e está pronto  
não vades mudar o fito.

#### 4. Écloga Basto

Dedicatória a Nuno Álvares Pereira (extractos)

(Omito a fala de Basto, que serve de prólogo à écloga; segue-se o diálogo entre Bieito e Gil)

**Bieito** - Que é isto, Gil, que andas triste,  
depois que entrou este Abril?  
Não sei que demo te viste,  
que tu não pareces Gil.  
Amigo, onde te sumiste?  
Ulo aquele grande amigo,  
de limpos bofes lavados  
daquele bom tempo antigo,  
que assim falava contigo,  
tu comigo os teus cuidados?

Assim tão só te vieste...  
forte burrão foi o teu!  
Tanto de amigo esqueceste  
como aqui tinhas de teu,  
nem a mim não mo disseste!  
Ora diz-me, se te apraz:  
depois de tanto sol posto,

tal inchaço ainda em ti jaz?  
Arrenega o mal que traz  
sempre à memória mau rosto.

Tu olhas-me de través:  
parece que a mal o tomas;  
mas se Gil tu ainda este és,  
não hei medo que me comas,  
por anojado que estês.  
Posto que, por mau acerto,  
izeste forte mudança,  
já tanto to não referto;  
mas de um amigo tão certo  
deveras ter mais lembrança.

(...)

**Gil** - Seja, amigo meu Bieito,  
a tua vinda, em hora boa;  
eu digo amigo escolheito,  
como quem o leite coa,  
que há-de ir por dentro ao seu peito.  
Mas, respondendo ao que dizes:  
vês-me cajado e fardel,  
não caçador de perdizes;  
bem sei que há muitos juizes,  
e muito poucos sem fel.

(...)



**Bieito** - No começo os erros têm  
bom remédio; ao diante  
têm-no mau; se não vais bem,  
pior muito irás avante:  
torna atrás, que te convém.  
Não o tenhas por amigo  
quem fala sempre à vontade,  
que dissimula contigo;  
lembra-te dum dito antigo:  
que enfada muito a verdade.

Mal vai quem sempre empiora;  
e que meninos, pastores!  
um olho ri e outro chora:  
vem um diz que são amores,  
outro mas que é mal de fora;  
um se torce, outro moteja.  
É mau jogo este das línguas:  
ou seja maldade, ou seja  
nossa amiga a triste inveja,  
vêm-se em tanto à praça as mínguas.

(...)

**Bieito** - Pois contigo a razão val(e),  
vejamos quem mais conjunta .  
Olha que todo o animal,  
forte ou fraco, aos seus se ajunta  
por instinto natural.  
As pombas andam em bandas,

voam groux postos em az;  
estas andorinhas brandas  
não querem de nós viandas,  
querem companhia e paz.

Como no mundo apontamos,  
de ventre em terra caímos:  
como de nós sós choramos,  
de outrem que ajuda pedimos!  
Nós sós para que prestamos?

(...)

**Gil** - Falas-me nos animais,  
a que nós brutos chamamos,  
que guardam leis naturais;  
nós outros não as guardamos,  
a isso obrigados mais.  
Estes homens, com quem tratam,  
não homens, mas leões bravos,  
por força tudo rematam;  
os leões não se resgatam;  
não se vendem por escravos.

Para que mandem nem rejam,  
não vão as águas tingidas  
do seu sangue; se pelejam,  
não alçam forcas erguidas,  
onde às aves manjar sejam.  
Não têm repartida a terra

por marcos tão desiguais,  
de sangue e fogo por guerra:  
um possui de serra a serra,  
outro nada, ou dois tojais.

Espanto é desigual  
da lei que entre si têm galhas:  
vendo uma que passa mal,  
descem, gritando, em batalhas,  
não tratam estonces de al.

## Sá de Miranda e a posteridade

**F**rancisco de Sá de Miranda influenciou e deixou marcas em muitos dos seus contemporâneos e outros que viveram mais tarde. Era um homem muito admirado e respeitado pelos amigos e pelos poetas que o conheciam, daí os prantos e os elogios fúnebres como reacção à sua morte.

### António Ferreira

#### 1. Carta a Francisco de Sá de Miranda (alguns extractos)

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo  
com tua vida e com teu doce canto,  
nova água e novo fogo descobrindo.

Não resplandecia antes o sol tanto,  
não era antes o céu tão luminoso,  
nem nos erguia o esp(i)rito em seu espanto.

Contigo nos nasce o ano mais formoso,  
mais rosada e mais loura a Primavera,  
co' o seio de alvas flores mais cheiroso.

## 2. Écloga Miranda de António Ferreira (extractos)

(Dialogam os pastores Alcipo e Andrógeo, por esta ordem)

- Feriste-me a alma de u(m)a ponta aguda,  
Andrógeo: é morto o nosso bom Miranda.

- Isto fazia a minha língua muda.

- Ó bom poeta, e já a tua doce e branda  
voz se calou, já por aqui não soa.  
nem os ventos serena, o mar abranda?

- Ah, já aquela inocência santa, e boa  
do bom velho, aquela alta e sã doutrina  
nos deixou. Quão depressa o melhor voa!

- O santo velho, de mil anos di(g)na  
era tu(a) vida, e ainda mil anos cedo.  
Quem honra o campo? Quem virtude ensina?

Já não, do pé da faia ou do penedo  
muscoso, te ouvirá o campo, e o vale  
cantar da terra e céus o alto segredo.

O rio seque, e o campo; Apolo cale.  
Chorem as tristes Irmãs, nem já aqui soe  
flauta, pois nenhua há que a tua iguale:

nem pastor cante nem touros coroe;  
nem tenha hera ou loureiro já verdura;

nem Ninfa d'água saia, ou ave voe.

[...]

E quem há já que co' o som brando chame  
as belas Ninfas a lugar sombrio,  
pelo verde chão flores derrame?

Quem vestirá dos ulmos já o rio?  
Quem cobrirá de sombra as claras fontes,  
e os tenros mirtos guardará do frio?

Aquele som, que enchia de erva os montes.  
que o gado derramado a si juntava,  
e que os rios detinha nas suas pontes;

aquele som, que tão doce soava  
por toda a parte... ah, já morreu contigo!  
Que fará quem ouvir-te desejava?

Ah meu bom mestre, ah pastor meu amigo,  
como minha alma e olhos se estendiam  
por ver-te, e o duro tempo foi-me i(ni)migo!

Mas, ainda que os meus olhos te não viam,  
cá te tinha minha alma, e os teus bons cantos  
lá me levavam, e de ti todo enchiam.

Dai ao vosso poeta tristes prantos,  
Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana!  
Ó Nilo, ó Gange, dai-lhe lá outros tantos!

- Não pode a obrigação, Alcipo, humana  
fugir o bom Miranda, aos céus é ido.  
Nunca do campo aos céus o passo engana.

Mas quando poderás ser esquecido?  
Estar-te-ão tigres, e leões chamando;  
será de tigres teu bom canto ouvido.

- Vejo vir nosso Sázio lá chorando.  
Sázio, que docemente assim pendias  
daquela boca e som, suave e brando.

Vive tu lá, Miranda, imortais dias,  
da coroa de louro ido à da glória,  
e, enquanto com tua luz de lá nos guias,  
recebe isto que canto em tua memória.  
Aqui Neiva, aqui Lima, triste chora,  
quebra seu arco Amor, Apolo a lira,  
seca a fonte Hipocrene, os louros Flora,  
o bom canto emudece, Eco suspira.  
Mas, no céu, leda a inocente alma mora  
do bom Miranda, que de lá inspira  
santo fogo de amor, e santa paz.  
Lá estás, Miranda; aqui só terra jaz.



## Diogo Bernardes

É este o Neiva do nosso Sá Miranda,  
Ainda que tão pequeno, tão cantado?  
É este o monte que foi às musas dado  
Enquanto nele andou quem nos Céus anda?

O claro rio, onde chorar me manda  
Saudosa lembrança do passado,  
O monte, o vale, o bosque, o verde prado,  
Onde suspira Apolo, Amor se abranda?

Aqui, na tenra flor, na pedra dura  
Escrevei, Ninfas, e no cristal puro  
Estes versos que Febo me inspira.

Aqui cantava Sá, daqui seguro,  
Livre do mortal peso, ao Céu voou.  
Pastores, vinde honrar a sepultura!

### 3. Écloga Sá (extractos)

(Dialogam os pastores Serrano e Alpino)

- Meu mestre, esta capela que urdo e teço  
De verde murta e de cheirosas flores,  
Aqui onde cantaste te ofereço.  
Ornar de mil dons vejo a mil pastores  
O teu sepulcro; vejo-te cantando  
De Apolo, das Irmãs e dos Amores.

[...]

- E qual doce cantor, qual peregrino  
Engenho sentes que iguale  
Àquele alto louvor de que ele é di(g)no?

- O bosque chora, o rio, o monte, o vale,  
Toda ave, toda flor, toda erva e planta:  
Quem pode ser tão duro que se cale?

[...]

- O nosso Sá Miranda, que entendeu  
A sem-razão do mundo, a tirania,  
Aqui entre estes montes se escondeu,  
Onde, senhor de si, livre vivia.  
Vivia esses bons anos que viveu,  
Pois que não esperava nem temia.  
Ah, discreto pastor, quem te seguisse  
Tuas pisadas cá, quem lá te visse!

[...]

Tu nos bosques as plantas, tu nas serras  
As pedras abrandavas com teu canto,  
Trazido cá por ti de estranhas terras,  
Com grande inveja de uns, de outros espanto.  
Agora em longo sono os olhos cerras,  
Agora estes meus abres ao pranto;  
Mas não choro só, que choram montes,  
Vales, bosques e prados, rios, fontes.

## Jorge de Montemor

Carta dirigida a Sá de Miranda (extractos: vv. 1 a 6; 19 a 45; 148 a 151)

A Francisco de Sá el de Miranda  
Escrivo, aunque a un ingenio le parece  
Que a mas de lo que puede se desmanda.

Y sí a vos, pluma mia, os enflaquece  
El temor de la empresa, enfin fortuna  
En los mayores casos favorece.

Estad ya sin temor de cosa alguna,  
Que, por bajo que sea nuestro estilo,  
La causa lo alçará, que es qual ninguna.

## Epitáfio

### Pêro Andrade de Caminha

A alma no céu repousa eternamente,  
Cheia do que cá tinha merecido.  
O nome voando vai de gente em gente,  
Com inveja e amor e espanto ouvido.  
O corpo fraco jaz aqui somente,  
Da alma à força de idade despedido.  
A morte desfaz tudo, mas Miranda  
Vivo é no céu, e vivo na terra anda.

## Referências bibliográficas

- Aguiar e Silva, Vítor (1994), “Modernidade e tradição em Sá de Miranda”, prefácio a Francisco de Sá de Miranda, Obras. Edição crítica fac-simile da edição de 1595, Braga, Universidade do Minho.
- Benedito, Silvério Augusto (1989), Sá de Miranda, poesia e teatro, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portuguese.
- Braga, Marques (1945/46), Diogo Bernardes, Obras Completas, 3 vols, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- Dias, Aida Fernanda (1978), O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de quatrocentos. Contactos e sobrevivência. Coimbra, Livraria Almedina.
- Farle, T. F. (1985), Tema e imagem na poesia de Sá de Miranda, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2000), António Ferreira, Poemas Lusitanos, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian.
- Ferreira, Joaquim (s/d), Líricas de Diogo Bernardes, Porto, Editorial Domingos Barreira.
- Garcia, M. Alexandre (1984), Poesia de Sá de Miranda, Lisboa, Editorial Comunicação.
- Lapa, Rodrigues (1960), Sá de Miranda, Poesias escolhidas, Lisboa, Seara Nova.
- (1967), Bernardim Ribeiro, Éclogas, Lisboa, Seara Nova.
- (2002/3), Francisco de Sá de Miranda, Obras Completas, 2 vols, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- Lopes, Óscar (1969), Ler e Depois, Porto, Editorial Inova.
- Machado, José de Sousa (1929), O Poeta do Neiva, Braga, Livraria Cruz.
- Martins, José V. de Pina (1969), Sá de Miranda, Poesias escolhidas, Lisboa, Editorial Verbo.
- (2002), Bernardim Ribeiro. História da Menina e Moça. Lisboa, Fundação C. Gulbenkian.
- Matos, Maria Vitalina Leal de (1987), Ensaios, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1885), Poesias de Sá de Miranda, Halle, Max Niemeyer.
- Mourão-Ferreira, David (1966), Hospital das Letras, Lisboa, Guimarães Editores.
- Pimpão, Álvaro J. da Costa (s/d), História da Literatura Portuguesa, 2º vol., Coimbra, em fascículos, incompleta.
- Régio, José (1961), As mais belas poesias de Sá de Miranda, Lisboa, Editora gráfica Portuguesa.
- Ribeiro, Bernardim (1950), Obras Completas, org. de Marques Braga, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- Vicente, Gil (1968), Obras Completas, 6 vols, org. por Marques Braga, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora..
- Viterbo, Joaquim de Santa Rosa (1962), Elucidário..., edição crítica, em 2 vols, org. por Mário Fiúza, Porto-Lisboa, Livraria Civilização.
- Viterbo, M. de Sousa, “Estudos sobre Sá de Miranda. Os filhos do Cônego Gonçalo Mendes” in O Instituto, vol. XLII, pp. 631ss.

## Índice

Prefácio .....	3
Introdução.....	5
Biografia de Sá de Miranda.....	7
Breve antologia mirandina.....	15
Parte I - Poeta do Cancioneiro Geral.....	15
Parte II - Poemas ao modo renascentista.....	18
Parte III - O homem religioso, devoto da Mãe de Jesus.....	21
Parte IV - O cidadão comprometido com o seu tempo.....	23
Sá de Miranda e a posteridade.....	37
Referências bibliográficas.....	46